

ANNO I.

S. Paulo, 31 de Julho de 1898.

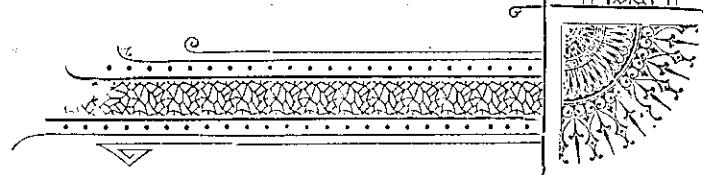
N. 4



DAS MENTINAS

REVISTA LITTERARIA
E
EDUCATIVA
DEDICADA A'S JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE
DE
ANALIA EMILIA FRANCO



Anno I S. Paulo, 31 de Julho de 1898 N. 4

ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA ÀS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO

PAGAMENTO POR SEMESTRE	PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE	NUM. AVULSO Rs. 1\$000
---------------------------	-------------------------------------------	---------------------------

AS MINHAS PATRIGIAS

Quando impressionada ao ver tantas infelizes creanças abandonadas á ignorancia e vagabundagem, sem educação moral e religiosa, sem instrucção obrigatoria e profissional, emprehendi a fundação d'esta modesta revista ALBUM DAS MENINAS, que traduz apenas uma convicção e uma fé, visto reflectir mal formulado embora, um sonho de justiça e de verdade, tinha a certeza de que o meu empenho não seria de todo inutil. E não foi. Porque se ha muitos que nada tem de commun com o resto da humanidade, e nem se commovem á vista d'esse triste bando de creanças, que mais tarde hão de povoar o fundo tétrico dos carceres, ou serem arroladas nas matriculas policiaes da prostituição, outros ha, e ainda bem que os ha para honra da especie humana, que se enteressam pelo bem dos seus semelhantes e procuram suavisar-lhes a algidez da sorte. E' por conseguinte a esses a quem me dirijo e chamo em meu auxilio. Sim, urge que nos esforcemos em por em practica o salutar principio de associação, que seja de meio de nós, ó paes que amais aos vossos filhos,

ó professoras que vos enteressais pela sorte dos vossos alumnos, é indispensavel que se inicie a realisação d'esses prodigiosos, alavanca dos tempos modernos, em prol d'uma causa commun, que é a causa principal da nação brazileira: a da educação e do trabalho dos seus filhos.

Existe, creio eu, n'esta capital uma sociedade de protecção aos animaes. E, não me consta que haja uma identica de protecção e instrucção ás creanças abandonadas á ignorancia e vagabundagem. Pois vale-rão ellas menos do que os animaes?

Dir-me-hão talvez, que existem muitos asylos e estabelecimentos de instrucção e beneficia para as creanças desvalidas, mas são tantas as que necessitam de protecção, que um grande numero se vê d'ella privado. Além disso, como quasi sempre acontece, aquellas mesmas que frequentam as escolas, ao sahirem, e no tempo que decorre até á suas entrada na sociedade perdem muitas vezes quasi todo o fructo da instrucção recebida. E' pois indispensavel que se estenda tambem os olhos para fora da escola, é preciso fazer com que os alumnos, os administradores, os paes, o paiz inteiro deem mais importancia, mais desenvolvimento ao que as creanças aprendem, ou pelo menos não esqueçam o que adquiriram na escola. E' hoje d'uma incontestavel utilidade, que se promova a formação de sociedades á bem da instrucção da infancia, fornecendo-lhe não só o auxilio moral e mësmo material de que precisem por meio de subscricções e subvenções; como servir-lhes de centro de direcção e de meio de ligação... Diz não sei que escriptor, que as senhoras teem uma especie de advinhação magnetica, que sabem onde se occultam as fontes do bem, o mysterioso reservatorio das lagrimas, e que por isso torna-se irresistivel a propaganda que as tem por instrumento. Assim se se quizesse reformar os nossos costumes, uma das primeiras cousas que devíamos fazer é chamar-as

em nosso auxilio. Quão feliz se não dará a auctora d'estas linhas se podesse despertar os animos e estimular as vontades de tantas mães de tantas professoras, para que trabalhassem todas na propaganda benefica das associações em prol do progresso moral e material da infancia ! Si assim o fizermos provaremos que desejamos encaminhar o progresso de nossa patria, porque sabemos comprehender a sublimidade de nossa missão que é o ponto capital a que intimamente se prendem os mais santos os mais graves, e os mais imperiosos de todos os nossos deveres.

Bem sei que n'um paiz de iniciativa frouxa como o nosso, sem tradicções geraes n'este genero, sem estímulos, é preciso primeiro inocular nas arterias locaes das classes populares, por meio de periodicos ou folhetos as vantagens das associações, e os prodigios sempre crescentes dos beneficios que ellas vão espargindo em todas as camadas sociaes nos paizes estrangeiros. Que nos sirva de exemplo a utilissima associação de protecção e ensino do sexo feminino iniciada por senhoras na ilha de Madeira, brilhantemente saudada por D. Antonio Costa com estas palavras: « Quando vemos do pensamento feminino surgir um instituto para o bem do mesmo sexo; quando presenciamos damas illustres da sympathica ilha estenderem as mãos ao infortunio das suas patricias desditosas; quando vemos não dar só a caridade que humilha, mas igualarem-se nobremente ás classes populares para que os espiritos de todas formem uma só identidade; quando vemos nascer d'esse espirito fraternal o auxilio para a desgraça que já se não pôde evitar, e conjuntamente abrir, para a geração que palpita de juventude as portas da instrucção que previne, quando vemos realizar-se a grande innovação do ensino complementar, e sobre tudo da instrucção profissional, para a carreira futura d'essas creanças desamparadas; quando vemos á par d'esse grande ensino e d'esse maior exemplo,

brilharem as proprias socias, as proprias mães, aprendendo aperfeiçando-se na mesma escola, sendo a um tempo, estimulo que inspiram ás filhas, estimulo que dos filhos recebem; quando vemos a instituição sair da rotina miseranda para ministrar innovações redempotoras da educação physica, pelos processos novos, de educação moral pelos preceitos praticos, e da intelectual pelos regeneradores systemas da natureza, quando vemos reverdecer um estabelecimento que germinou de uma idéa amoravel, que se sustenta com o santo obolo do trabalho; quando vemos uma tal instituição virgem que o amor embalou que é toda ella um sorriso, que está acobertada pelos castos mantos das virtudes celestes, perguntamos: quem ha que a não cubra de bençãos? quem é que a não saude com lagrimas? Senhoras, iniciastes um grande exemplo na nossa patria instituindo a associação que se funda na igualdade christã; mulheres das classes populares, gloria vos seja, tendo corrido ao chamamento, que vos é emancipação; a historia abrirá para vós no livro do ensino profissional, a primeira pagina, o lugar de honra na iniciação da sociedade feminina pelo trabalho feminino. Por este motivo as saudaram as auctoridades locaes curvando-se respeitosas defronte d'aquelle honroso facto ».

Oxalá que esse e outros nobres exemplos sirvam de incentivo ou de estimulo, para que nos despertemos da nossa habitual apathia, e auxiliemos efficazmente aos esforços dos que se dedicam a essa propaganda da mais santa religião, da mais alta politica e da mais pura moralidade, qual é a da regeneração da patria pela educação, pelo trabalho, pela previsão, pela economia e pela esperança !

S. Paulo, 29 de Julho de 1898.

ANALIA FRANCO.

AS CRÈCHES

Desde que o espirito altamente humanitario de Marbeau, o terno amigo das creancinhas, conseguiu fazer irromper das trevas de Chaoyllot a primeira creche em 1844 reconhecida a sua utilidade multiplica-se e diffunde-se por todo o mundo civilisado essa caridosissima instituição.

Quantas vezes não vemos tantas mães das classes laboriosas, que são obrigadas, para manterem a si e a sua familia, a sahirem de casa, na dura contingencia de abandonarem no seu triste albergue os caros penhores do seu affecto, enquanto se entregam aos misteres das officinas dos empregos e dos trabalhos do campo ?

A que innumeros perigos não ficam expostas essas pobres creanças no mais completo abandono ?

E, que crueis recehos e sustos não opprimem esses infelizes corações de mães, aguilhoadas todo o dia á faina do trabalho e na mais angustiosa incerteza sobre a sorte dos seus filhinhos?... Entre tantos desastres que se registram quasi diariamente acontecidos a essas inditosas crianças a quem Christo affagou com as suas bençãos recommendando-as ao cuidado dos homens, impressionou-me profundamente, o tragico fim d'uma infeliz creancinha d'alguns mezes apenas. Tendo a mãe a deixado docemente adormecida no seu leito enquanto se ocupava em trabalhos fóra do seu lar, ao regressar encontrou-a morta.

Tinha a inditosa creança despertado do seu doce sonno e revolvendo-se sem duvida pela cama, por infelicidade introduziu a sua cabecita entre um dos buracos da sua miseravel enxerga e sem poder retiral-a, alli expirou no mais desolador abandono.

Ah! quem poderá descrever a angustia e o sombrio desespero d'aquellea infeliz mãe !

Essas dores quasi sempre mudas e ignoradas, tem o quer que é que nos faz tremer. Tantás desgraças motivadas pelo abandono d'essas pobres creaturinhas tão sympa-

thicas pela sua innocencia, estão pedindo justiça em nome da humanidade e de Deus que soffreu e morreu tanto por ellas, como por nós.

Ah! quem dera que essa angustia de mulher e de mãe, essa dor das entranhas que domina as vozes mais poderosas e mais altas podesse realmente tocar na fibra do coração que a natureza creou bella, e commóvente e apaixonada, e nos aquecesse o fogo santo de benevolencia universal para utilidade da infancia, da velhice, das gerações actuaes e vindouras!

E' pois indispensavel que procuremos o meio de aliviar os braços e os cuidados da mulher laboriosa, para que possa mais livremente trabalhar.

As crèches segundo a phrase de um grande escriptor, corresponde a uma palpitante necessidade, prehenchem um fim altamente humanitario, christão e civilisador.

Não ha quem não comprehenda o vastissimo alcance d'essa instituição, e por isso não ha quem se não tenha honrado, associando-se-lhe o seu nome, e de concorrer com o seu obolo para que ella se desenvolva, se consolide e multiplique no numero dos seus utilissimos estabelecimentos.

Entre nós porém, como ha de calar no animo de uns a necessidade de pedirmos os meios para a realisação d'essa humanitaria idéa, e em outros a utilidade de os ministrar, se a grande maioria da opinião, desconhece os prodigios operados por essa poderosa clava de Hercules que se chama associação?

Quereis uma prova de quanto são gloriosos os espiritos que levados pela nobre lucta do bem, trabalham e ganham as palmas do triumpho? Eil-a. Li algúres que as pobres mulheres de Montmartre pediram instantemente uma crèche, onde depusessem seus filhos quando fossem para os seus trabalhos e ninguem, dos que mais podiam valer-lhes, pareceu ouvil-as.

Então as irmãs de caridade tomarão a resolução de abrir uma, mas que meios tinham elles para isso? Arranjarão alguns berços, retalharão os lençóes das suas camas

as suas coberturas alguns dos seus vestidos, para guarnecerem aquelles berços e encarregaram-se de todo o serviço.

E tal foi o principio da creche n.^o 25 do departamento do Sena.

Oxalá que todos fitassem os olhos commovidos a esse nobre exemplo; para auxiliarem efficazmente a realização das creches que não é só um meio de matar a fome das creanças como um recurso eminentemente hygienico e moralisador. Entretanto apezar das vantagens incontestadas de utilidade das creches, Marbeau teve antagonistas no começo da realização da sua ideá. Queriam que se desse ás mães nas suas casas o que se houvesse de gastar com as creches. Ouçamos porem as palavras de Marbeau que nos dão uma ideá mais clara e mais nitida de sua benefica instituição.

« Dar ás mães, o que deve despender-se com seus filhinhos, importa o mesmo, que dizer que, em lugar de se dar ás mães a liberdade do seu tempo e dos seus braços, se lhes dá occasião de ficarem sem trabalhar. Eu prefiro o trabalho que moralisa á ociosidade mendiga que desmoralisa. Eu penso que a mãe que trabalha e desembolça uma pequena retribuição pelo beneficio que seu filho recebe, se conduz melhor e mais o ama, que aquella que se costuma o não fazer nada.

O que distingue a caridade intelligente da esmola vulgar é que uma com pouco faz muito bem, e que a outra com pouco não faz senão pouco bem ou talvez mal; uma multiplica o pão, a outra desperdiça ou talvez o envenena.»

Pelas suas glorioas tradicções S. Paulo tem sido a terra das grandes iniciativas, dos commetimentos mais arrojados no heroismo na dedicação e no trabalho além disso este povo tem tido sempre uma virtude que o recommenda e engrandece, é a benificencia, por isso temos esperança e confiamos que a luz serena do bem alumie o pensamento commun de todos para a realização da benefica instituição das creches que ainda não existe entre nós e assim provará nossa cara patria que nunca mentiu na iniciativa dos pensamentos elevados.

ANALIA FRANCO,

S. Paulo 28 de Julho de 1898,

CARIDADE

Caridade! a belleza peregrina e a gloria prima — o que ha de mais enaltecido nas concepções do espirito e de mais afinado nos sentimentos do coração.

Olivar commodidades proprias e compartir desgraças alheias; encadilar-se como norma de vida na abnegação pessoal e no sacrificio pelos proximos; transfundir o maximo amor aos seios da maxima dor e absorver toda esta dor nos seios do mesmo amor, baixar, baixar ao fundo de toda a fraqueza, de toda a penuria, de toda a ignorancia, e ser-lhe escora, ser-lhe aza, ser-lhe luz, espancar a cumplicidade do mal e afagar a solidariedade do bem; espraiar-se, desatar-se, dilatar-se plenamente e perseverantemente, em palavras e em obras, aos transportes da fraternidade e aos effluvios da beneficencia — eis o cume de perfeição evangélica o coronal da grandeza humana a rcaleza mais soberana da terra e a joia mais bemquista de Deus: a caridade!

Porque a caridade é assim. Ella não ressumbre apenas n'uma decorosa acção sympathica, no pão material, n'uma moeda qualquer n'um dom; ressumbra e preluz em todo o auxilio moral, no bom verbo e no bom porte, na prece, no carinho, n'um simples gesto, n'um sorriso, n'uma lagrima. Forte como diamante, attrahente como iman, modesta como violeta, meiga como pomba, ella penetra e enleia e perfuma e embrandece os animos mais rebeldes e os desamparos mais cruéis. Sempre maviosa e humilde, sempre benigna e prolifera, sempre tolerante e paciente, sempre renacente e recrescente, infatigavel até á heroicidade e heroica até o martyrio, ella vôa atravez dos mares da opulencia precatando-lhes as voragens, o rompe atraves das sarcas da pobrèza despontando-lhes os espinhos.

Prova-se, priva-se, roga-se, desmanda-se, desentranha-se, sacrificia-se, ri e chora, perdoa e cala, implora e canta, vai ao carcere; ao hospital, ao asylo, ao albergue, á escola, á officina, á creche, á kermesse, aos recessos do tugurio e

aos campos da batalha, ao perto e ao longe, e ameniza e ameiga e cura e dá — dá do muito e da do pouco, dá tudo quanto tem; « faz-se tudo para todos, para salvar a todos. »

A caridade é o coração que se abre, a boca que se abre, a mão que se abre — o coração que se abre para a condolencia, a boca que se abre para o conselho, a mão que se abre para a esmola; o coração que verte balsamos, a boca que verte ensinos, a mão que verte socorros, o coração que acaricia, a boca que anima, a mão que protege; o coração que attrae do abysmo, a boca que acautela do perigo, a mão que arranca da miseria; o coração que se vulcanisa n'um vesuvio de affectos, a boca que se esbrazeia n'uma cratera de bençãos a mão que se desfaz n'uma constellação de benefícios.

ALVES MENDIES.

NOSSA APATHIA INTELLECTUAL

A Providencia impoz-nos como lei o aperfeiçoarmo-nos, e sendo o homem um ser eminentemente perfectivel, é claro que a sua carreira terreal, deve ser um incessante progredir. Este seculo nos faz conceber as mais bellas esperanças, quando contemplamos cheios de admiração e entusiasmo, o desenvolvimento extraordinario, a superioridade incontestada da intelligencia humana que parece marchar com progressos rápidos á conquista de lisongeiros destinos. O gosto pela leitura tornou-se uma das feições caracteristicas do presente seculo, e assim a sciencia que em outros tempos era apenas a partilha das classes privilegiadas é hoje commun e accessivel a todos. Mas á medida que a intelligencia humana se depura e engrandece ao derredor do homem, nós com pequenas restricções nos conservamos estacionarios e resistentes á marcha do progresso, que dia

a dia mais nos impõe o imprescindivel dever de despertarmos da nossa apathia intellectual. Que nós aprendemos alguma cousa mais do que nas epochas medievas já é sabido; porém temos sempre pressa em passarmos rapidamente pelos estudos como se receiassemos que o futuro se nos escape e forcejamos por apanhal-o. Se, como se diz, nada perdura senão o que é fundado com vagar, esses conhecimentos superficiaes que não conseguiram aperfeiçoar, avigorar e enriquecer a nossa intelligencia, educando-nos ao mesmo tempo o coração, vacillam ao mais leve sopro, deixando-nos n'esse estado incerto e nebuloso, que é o caracteristico da nossa instrucción, tão contraria ás idéas do seculo, e ás grandiosas conquistas operadas pelo progresso. E devo confessar aqui, uma cousa bem humilhante para nós, a leitura que podia tornar-se-nos um instrumento de educação, de bem perduravel e solido, a fonte dos nossos mais puros gosos, infelizmente não está generalisada entre nós. Sempre habituados a entretermo-nos nas horas de descanso com sensações e não com idéas, não sentimos nenhuma affeiçao pelos livros.

Os prazeres elevados que a leitura nos proporciona, não pôde lutar vantajosamente contra os enganosos attractivos que nos dão a posse immediata d'alguns gozos frivulos.

A mãe de familia, responde-nos logo, que os multiplos e successivos affazeres do lar, absorvem-lhe todo o tempo sem que lhe reste um instante de repouso.

As filhas tambem dirão, que as difficeis lições do professor de piano, os cuidados da sua toilette e as visitas, não deixam-lhe tempo algum para a leitura.

D'este modo abysmadas na nossa ignorancia e indiferença, parece que nada inspira-nos gosto pela cultura do coração, nem desperta-nos um nobre orgulho pelo bello e pela supremacia intellectual.

«Se a perfeição é intangivel no mundo, diz um escriptor, nem por isso devemos deixar de aspiral-a se não quizermos descrêr da nobreza da alma.

Ha tempos li um bem elaborado artigo assignado por mão feminina no qual a talentosa escriptora animada dos

mais generosos intuítos fazia um appello ás senhoras que se dedicam ás lettras, afim de escreverem romances moraes e scientificos, avivando-nos n'alma o suave e ineffavel influxo da virtude e da bónade. Como todos sabem a litteratura presentemente tem assumido proporções deplo-raveis.

«O romance, diz G. Torresão, tornou-se o que é hoje o theatro de Sardou e Dumas Filho, e a Madame Bovary, de G. Flaubert, isto é, um transumpto de realidades hedion-das, uma especie de fiel resenhá do que se passa de peior (de melhor nunca!) em cada *ménage* dissolvente mordida pela lepra do adulterio.» O seculo XIX com todos os seus visiveis progressos, multiplicando indefinidamente as conquistas do homem e facilitando-lhe a acquisição de todos os gozos sociaes, impelle-o allucinado por um pendor irre-sistivel, por uma especie de nevrose cerebral á desorde-nada furia dos prazeres materiaes, que endurecem-lhe o coração e atrophiam-lhe a sensibilidade. E, embora o con-testem, o certo é que os costumes d'uma época a sua influencia, o seu influxo persistente accentuam-se logo, nas instituições nas idéas e sobre tudo nas obras de arte de uma geração inteira. E por isso a litteratura é o que vemos; porque quanto mais são mesquinhos os costumes da época, tanto mais se patenteia a ausencia do sentimento e do verdadeiro genio..... Desviando-nos prudentemente d'estas reflexões, limitamo-nos apenas a fallar ainda que ao de leve, sobre as impressões que nos foram suggeridas pelo bello artigo da auctora da «*Filha de Jephet*» a qual com o seu fino criterio, revela mais ou menoso pensamento de um distincto escriptor quando diz: «O romance que merece este nome, é um incitamento á virtude, é a pro-pria moral em accção.»

Com rarissimas excepções o pathetico, o sentimental e o ideal predominam em todas as obras de arte assignadas por mão feminina, e se como diz Fontenelle «o romance é a historia do coração», não poderá ser escripto de outro modo, a menos que a escriptora queira renunciar a terna e delicada sensibilidade de mulher.

«Antigamente, diz uma escriptora que temos presente, a sensibilidade, essa preciosa e rara flor que desabrocha no coração humano, perfumando-o, engrandecendo-o, dulcificando-lhe as angulosas imperfeições era uma virtude celebrada na vida real em cultos de entusiastica adoração, divinizada no mundo ficticio da arte pelos poetas, sacerdotes inspirados da religião e do amor.

Hoje no ultimo quartel do seculo XIX em pleno regimem de Zola e de Darwin, a sensibilidade é quasi um crime!»

Como todos sabem o processo das novas escholas tende a fazer desapparecer a personalidade do escriptor por detraz de sua obra; essa impersonalidade que para attingil-a ao homem basta apenas uma pequena força de vontade, para a mulher seria preciso esforços quasi sobre-humanos, o mais doloroso dos sacrificios.

Entre as raras senhoras que no Brazil se dedicam ás letras, algumas ha que afrontando os preconceitos da sociedade, a indifferença e o desdem esmagador que votamos ás obras litterarias, especialmente das nossas patricias; teem ensaiado a poesia o romance e o drama, mas á vista da frieza com que as acolhemos, podemos dizer que a escriptora muitas vezes terá de contentar-se com uma unica e silenciosa leitora — a propria auctora. E não exageramos, visto que já tivemos uma bem dura experienca. Ante uma tal perspectiva, creio mesmo que até os mais arrojados talentos as mais decididas vocações, sentir-se-hiam esmorecer, quanto mais escriptoras noveis que ainda precisam de muita animação e estímulo para os seus primeiros e hesitantes passos. O que acontece é que qualquer d'essas vocações apenas despontam, feridas por tanta indifferença, por tanto desamor, estiolam ou morrem, sem legarem cousa alguma que devéras nos honre e á patria.

Estamos porém convencidas que provém tudo isto da negligencia dos nossos educadores que nunca souberam incutir-nos o gosto pela sa leitura, não pelo infundido receio de que a intelligencia esclarecida nos induza ao erro, como se o cego perdido em um terreno alcantilado, tivesse menos

probabilidade de cahir, do que o individuo de vista clara e segura outros por descuido, e além disso são tantas as futilidade que nos preoccupam, que jamais resta-nos tempo para consagrarmos á leitura. Em um paiz extrangeiro cujo nome me não ocorre agora, as operarias das fabricas, não querendo perder o ensejo de se instruirem, dividem entre si o trabalho de qualquer das companheiras que leem bem, e enquanto as suas mãos occupam-se nos mais rudes misteres das officinas, os seus ouvidos seguem attentamente á leitura, e assim sem perderem um só minuto de trabalho, nem por isso deixam de cultivar o seu espirito. Ouçamos porém um iMlustre escriptor, em referencia aos filhos da famosa Albion.

«Na Inglaterra o viajante no seu wagon, o cocheiro na sua almofada, o operario na sua officina, o criado de servir na sua cosinha, a mãe de familia no interior de sua casa, a criança nas suas horas de recreio, todos elles teem o seu livro especial, familiar, querido que os acompanha em todos os trabalhos e distracções. A instrucção da mocidade e das classes laboriosas, merece particularmente os desvelos da imprensa ingleza. Os principios elementares das sciencias são diariamente expostos debaixo das formas mais comprehensiveis no *The Popular Educater*. Pequenos folhetos e jornaes com suas historias e figuras, deleitam tambem a imaginação das crianças, despertando-lhes desde os primeiros annos o proveitoso gosto da leitura.»

Em conclusão diremos que enquanto a nossa instrucção for concebida n'essa especie de molde fatal que nos atrophia o desenvolvimento da personalidade, havemos de viver abafadas n'uma atmosphera de interesses mesquinhos, sem sentir nenhuma sympathia, nem tendencia para as nobres e elevadas conquistas do espirito; assim também enquanto não tivermos uma comprehensão mais nitida e mais real do dever não renunciaremos ás futilidades que presentemente nos preoccupam, e nem a litteratura entre nós conseguirá jamais despertar-se da apathia que a enlanguece e adormenta.

ANALIA FRANCO.

A CRECHE

Improviso

Deus um dia mandando á terra a Caridade,
 Disse-lhe: « Vai: procura os antrôs da desdita,
 « A onde a creancinha em fria soledade
 « Chora a ausencia da mãe; da triste que se agita.

« No continuo lidar da faina do trabalho
 « Deixando assim tão só o filho estremecido!
 « P'ra ir ganhar-lhe o pão, o tecto, o agasalho,
 « Que a sorte lhe não dá. Vae! toma o desvalido.

Abriga-o com teu manto; e à mãe que se definha
 « Diz-lhe: — Trabalha afoita! acalma o teu receio!
 « Nada tens a temer! a tua creancinha
 « Vae ter asylo e pão e o amparo do meu seio. »

E o anjo obedecendo á voz do Omnipotente
 Veio á terra, e reunindo um gremio caridoso
 Abriu a Creche, o asylo, ao misero innocentinho,
 Deu-lhe amparo, agasalho e um seio carinhoso.

Abriu a Creche, e a mãe, agora jubilosa,
 Lá vae levar seu filho; serena, não receia
 Deixal-o sem abrigo. Oh, salve! portentosa
 Sublime encarnação da protectora ideia!

CLORINDA DE MACEDO.

INSTRUÇÃO POPULAR

Não te deixes adormecer, ó pátria; tu, que tens uma alma nobremente ambiciosa, sobre a tua cabeça um céo esplendido, e em roda de ti a cinta magestosa do oceano, que só não se feche no ponto do qual não serias a cubiçada se não valesses tanto.

Que livro o teu! Quem tem uma historia onde se leiem datas como as tuas? independencia arrojo liberdade? Quem soube fundar uma nacionalidade como tu? expulsar extran-

geiros? estreiar a liberdade sem uma gota de sangue? presentear o mundo com mundos novos? Quem tem assim uma historia de armas, de descobrimentos, de glorias, de resignação, de brios e de amor como tu, ó patria de heroes? Acorda, no meio d'este seculo febril que por entre os seus cataclysmas entresonha um mundo melhor Tu, que já soubeste conquistar a liberdade do pensamento, da palavra, da associação, da imprensa, da industria, das letras, que derribastes os monopolios dos vinculos, do ensino e do trabalho, que aboliste os tratos, a escravidão e a pena de morte, que publicaste os codigos que elevaste o nível social, une as tuas forças e resurge d'este sepulchro de desalento á voz da instrucção que te abre os braços. A civilisação está chamando por ti. Responde á civilisação, que só é um bem immenso a troco de um immenso trabalho. Tudo quiz a Providencia que houvesse de custar á humanidade, mas por isso mesmo no grande custo pôz o grande bem. Trabalha e aperfeiçoa-te. Não olhes muito para traz que lá está o retrocesso, nem muito pare diante, que lá esta a anarchia; olhe para o alto, sobe, eleva-te pela instrucção, que é o meio, para a felicidade, que é o fim. Crê, ama, e sobretudo instrue-te, porque na instrucção está a crença e o amor. Como ponto fundamental interessem-se as classes populares directamente n'esta questão, que é a sua questão, e tomem com arrojo a iniciativa,

A associação das classes populares para o ensino dos proprios associados e das suas familias tem feito prodigios nos povos allemaes e americanos, ministrando o ensino primario, profissional, conferencias, discussões, todos os meios de desenvolvimento. Povo, povo, a tua causa é a da instrucção, porque só ella é que pôde aperfeiçoar a saude, e moralidade e o trabalho dos teus filhos, o que lhes ha de permitir crearem propriedade, fundarem familias, envelhecerem no remanso da paz nos braços da felicidade. Povo, fonte inexhaustivel onde se vai buscar na sua pureza a linguagem, o sentimento, a poesia, a tradição, o amor nacional, a riqueza, o tributo do sangue, o trabalho, tudo quanto ha de grande

opéra o maior progresso, associando-te especialmente para a tua instrucção, e não só pela gloria da patria, e não só pela civilisação européa; mas tambem por necessidade propria, porque se a humanidade é nossa irmã, a patria é nossa mãe.

D. ANTONIO COSTA.

A GUERRA

Ardua é, sem duvida, a missão do soldado, — ardua e ponderosissima. Elle vela enquanto os outros dormem, tressua enquanto os outros gozam, sacrifica a propria tranquillidade á tranquillidade de todos: heroe sublime, supporta o maior dos riscos — o risco da vida; martyr illustre consagra-se ao mais estoico dos cultos — o culto da morte. Altissima é, por certo, a missão do exercito, a missão da espada; — quando a espada é defeza do direito, e o exercito ancora de salvação publica. Porem o espirito da milicia, a inflexibilidade da disciplina, o habito dos acampamentos, a fascinação do mando, tudo isso que é tão fero e tão possante para firmar e escudar as nações, não presta, pelo ordinario, para dirigir as redeas de um governo, a maquina d'un estado; — porque quando o dirige, vemos quasi sempre essa machina converter-se em carro triumphal do cesarismo que roda cegamente e destroça na sua rodagem todas as aspirações democraticas todas as liberdades e franquezas populares. E, depois a guerra — a lucta do homem com o homem, ideal dos povos antigos — não pode já ser applaudida pelas sociedades modernas que professam como ideal, a lucta do homem com a natureza — a lucta incruenta do trabalho. A guerra é a deshonra, a mancha da civilisação; a paz a sua virtude a sua gloria. O ferro acaçalado e afiado feito arma, virotado nos combates, trucida e mata, é uma cousa horrenda e barbara. O ferro

forjado e temperado, feito charrua, fabrica, tear, carril, locomotiva, usado nas industrias e nas labutações do progresso, e, até, reduzido a particulas invisiveis, applicado ao sangue, aos nervos, ás funcções do cerebro e ás enfermidades do organismo, enriquece e vivifica, é uma coisa preciosa, humana massicamente civilisadora. E, assim mais esplendorosas que as manobras de guerra são as manobras das idéas — os gymnasios da sciencia, os torneios da arte, as operações do commercio, as resquestos da politica, as lidas ao justo, as competencias do trabalho.

ALVES MENDES.

UMA SAUDADE

Nas horas tristes da noite,
Eu sosinha a meditar
Nas azas da phantasia
Sempre sempre a recordar,
Essa quadra descuidosa
Da minh' infancia saudosa.

Ah! como eu sinto saudades
Das virações do arrebol!
E das manhãs tão serenas
Ali ao erguer-se do sol
Ouvindo endeixas suaves,
No meigo trinar das aves!

Inda me lembra a campina,
Lá no extremo do terreiro,
Onde d'entre brancas pedras
Corre um brando ribeiro;
Ora nas urzes s'escondendo,
Ora no prado apparecendo.

Os galhos curvas frondósos.
D'uma silvestre figueira,
Pendidos do tronco annoso
Sobre o riacho, na beira
Deixando ao sopro d'aragem,
Espargir linda folhagem.

Ali no alto da figueira
 Um pequeno sino pendia,
 A annunciar aos escravos
 A hora da—Ave Maria;
 Hora em que o labor deixavam
 E para a casa voltavam.

Sobre o ribeiro, as raises
 Formavam ponte natural,
 Sem que d'arte revelasse
 O mais ligeiro signal;
 As aguas ahi s'occultavam,
 E queixosas murmuravam.

Quantas vezes tão contente
 Essa hora eu esperava?
 E sobre a ponte correndo
 O riacho atravessava
 Ouvindo com alegria
 Sóar a — Ave Maria.

E logo após avistava,
 Pobres negros caminhando,
 Vergados ao peso das messes;
 Mas felizes e cantando
 Não sei que melodia
 Que tanto me commovia !

As arvores do vergel
 Embaladas docemente
 Desprendem-se em flores
 Que perfumam o ambiente;
 E as auras harmoniosas
 Dizem queixas mysteriosas,

O sol já despedindo-se
 O ultimo adeus dizia,
 Com o rosto afogueado
 No poente s'escondia;
 Ness'ora os passarinhos,
 Chilriando buscam os ninhos.

Já pelas sombras da noite
 Ouvia-se terna melodia,
 Que entoava o sabiá!
 Com saudades do dia,
 Em quanto a gente cançada
 Ja chegando á morada !

Oh! que tardes tão amenas!
Oh! que brisas tão fagueiras!
Como então tenho saudades,
D'essas horas bem ligeiras.
D'essa aurora tão querida,
De minha infancia perdida.

ANALIA FRANCO.

INICIATIVA DAS ASSOCIAÇÕES GERAES CRÉCHES

Um dos problemas mais difficeis da instrucción publica é a educação da mulher. Ainda no importantissimo congresso internacional do ensino, que em agosto de 1881 se realizou em Bruxellas, foi aquelle assumpto discutido amplamente. Trocaram-se entre os especialistas as opiniões mais oppostas o entusiasmo levantou-se ardente, mas a sciencia social não deixou ainda pronunciada a ultima palavra. Se porem o consenso unanime não resolveu as condições educativas da mulher, se ainda a opinião geral não assentou que a missão da mulher se deve restringir ao estreito espaço do lar, ou expandir-se no circulo vastissimo das complicadas relações politicas e sociaes, é certo que a mulher das classes populares, tanto nas povoações campestres, como nas urbanas, se vê obrigada a ganhar o pão com o suor do rosto, indo trabalhar fóra. Desconhecer este facto seria não ter presenciado nunca os enxames dos trabalhadores nos campos, outros enxames das vendedeiras nos mercados, ainda outros nas milhares de fabricas, as lavadeiras nos rios, n'uma palavra a popular nos diferentes misteres da sua lida quotidiana. Mas á mulher, á mãe, pertencem as criancinhas.

De que maneira conciliar aquelles trabalhos externos com o indispensavel cuidado e amamentação no lar? Responde a tradição dos séculos patenteando-nos as creanças, já em

canastras ás cabeças ou ás costas das mães, já entregues ás vizinhas que tantas vezes as deixam pasto aos animaes immundos que as desformam, se as não matam; já fechadas dentro das proprias habitações, não sendo pasto aos suinos, mas as chamas. Rompeu então do espirito humano d'este inventor das sublimidades redemptoras, uma ideia admiravel, e pergunto a si proprio :

Porque não ha de crear uma instituição, que receba diariamente em deposito as creancinhas, as abrigue, cuide aleite, quando as mães e não possam, lhes dê as primeiras noções como que instinctivas e á noite as restituam ás famílias, que já assim poderão trabalhar sem perigo da vida ou sorte das mesmas creanças ? Foi brilhante a idéa. E Paris viu em 1844 o bemfazejo Marbeau installar ali a primeira crèche. Passados dez annos a França contava quatrocentos e as diferentes nações estabeleciam-n'as com rapidez.

Nem lhes obstou a qualificação de immoral que alguns espiritos deram á instituição, por se julgarem as mães dispensadas de aleitar os filhos. A crèche é um recurso indispensavel perante o estado actual da sociedade e diante outra indispensabilidade, o trabalho das mães. Como a crèche, assim o hospital, o hospicio o asylo da infancia, a escola primaria, o collegio, o circulo vastissimo das instituições que suprem por uma necessidade fatal a insuficiencia das familias, e que por uma mesma necessidade fatal as teem de substituir por meio da retribuição propria ou da beneficencia alheia. Uma cousa é o suppor a sociedade humana n'un estado *absoluto*, como n'un sonho de perfeição, outro como é o estado *relativo* da sociedade que as gerações vão herdando e transmittindo ás gerações que lhes succedem pelo caminho existente que tratam de melhorar mas cujos barrancos não podem transpor senão pela acção lenta, lentissima infelizmente, que é a um tempo gloria pelo que se adianta, e tristeza pelo que fica ainda em atraso.

Seria optimo realmente que a familia popular, pobre e deseducada podesse cumprir todos aquelles encargos; mas enquanto a familia não o lograr conseguir (e quem sabe É esmo no correr dos seculos o realisará por completo) cumpre

á communidade das forças sociaes prehencher o logar da familia, e, procedam a um balanço entre as vantagens e os inconvenientes das instituições, optar por aquellas em que os bens excederem aos males.

Por ultimo, n'uma parte dos estabelecimentos de que estou tractando, as mães vão durante o dia aleitar os filhinhos.

D. ANTONIO COSTA.

(Continua)

UMA VIDA MODELO

III

Quando Maria Santissima completou seus quatorze annos de idade reunia em si todas as graças do corpo e todas as perfeições do espirito. Os seus olhos formosissimos despediam em suas vistas uma suavidade estranha um encanto infinito e tinham não sei que effluvios divinos que prendiam o coração e arrebatavam a alma ás vagas e indefiniveis aspirações d'um mundo superior. E era somente devido a um especial disignio de Deus o não ficarem os que a viam extérizados ante ella na contemplação do admiravel conjunto de attractivos que illuminavam-lhe a fronte já com os reflexos da Gloria immortal. Alem disso contribuia muito para menos evidenciar as suas surprehendentes graças a excessiva modestia com que se occultava a todas as vistas sempre que podia; vivendo como que absorvida na concepção altissima do seu ideal n'um completo desprendimento do mundo n'um esquecimento quasi absoluto das exigencias materiaes.

Assim ninguem mais do que ella cujo coração expandia-se no mais elevado e amoravel sentir experimentava a dolorosa idéa do exilio das regiões bem diversas d'aquelle em que se achava aguilhoad. Com que ardor não desejava ella vêr terminado esse desterro imediatamente e a hora de regressar á patria celestial onde se achava o unico objecto de todos os seus anhelos?

Vivendo sempre bem proxima á divindade por uma communicação de todos os instantes, nada desejava do mundo exterior e por isso resignado n'aquelle claustro que julgava ver o seu tumulo esperava que a Providencia Divina aprovesse dar o almejado fim ao seu exilio.

Não foi porem sem grande surpresa que por uma inspiração celeste soube que não só teria deixar brevemente aquella existencia recolhida e santa como que seria tambem d'allí por diante obrigada a viver na sociedade mundana em companhia de um esposo.

Deus a tranquillisou dando-lhe a certeza intima do que a mudança de estado de modo algum modificaria a santidadade do seu viver.

Por esse tempo os seus parentes e os sacerdotes reunidos, trataram do seu consorcio, visto que sendo primogenita, os estatutos ordenavam que deveria sahir do Templo amparada por um esposo. O summo sacerdote Simeão convocou os mancebos da raça de David, que viviam em Jerusalém para d'entre elles se designar o esposo de Maria de Nazareth, e a escolha recayiu sobre S. José, que alem de ter uma apparencia affavel e sympathica, reunia todas as raras e indispensaveis qualidades exigidas, para ser o consorte da formosa e virtuosissima filha de S. Joaquim.

Diz a tradicção, que o sacerdote Simeão mandara reunir todos esses mancebos no Templo, e que dando a cada um d'elles uma vara secca, lhes pedio que orassem para obtemrem de Deus a designação ambicionada por elles. S. José que desde os 12 annos se tinha consagrado a Deus, considerando-se por indigno de ser esposo de uma douzella tão prendada, renovava humildemente o seu voto de perpetua castidade, quando viu a sua vara reverdecer-se e cobrir-se de flores, ao passo que uma alva pomba se lhe pouzara sobre a cabeca.

A vista d'un tal prodigo foi considerado o eleito para esposo de Maria Santissima. Conhecida assim a vontade de Deus, o pontifice mandou chamar Maria de Nazareth, a quem deu-lhe parte d'aquelle nova apresentando-lhe ao mesmo tempo o esposo escolhido.

ANALIA FRANCO.

(continúa)

A FILHA ADOPTIVA

A pobre enferma ouvindo estas consoladoras palavras e vendo a sua filhinha docemente adormecida sobre os braços de Anczia, que lhe prodigalisaava todas as caricias d'uma verdadeira mãe, deixou escapar um suspiro de allivio. Os seus

olhos ja embaciados pela aproximação da morte, volviam-se cheios de reconhecimento, ora para um crucifixo, que mãos piedosas collocou junto ao seu leito, ora para as suas protectoras, como lhes agradecendo tacitamente a consolação ineffável, que sua alma sentia nos ultimos instantes de sua vida.

Quando regressaram á sua chacara, ou antes sítiosinho, por possuirem mais extensas plantações, com a interessante criança a quem consideravam uma dadiva celeste, João e Eudoxia confiaram-na ao cuidado e direcção de Anezia.

A pequena Cherubina ao crescer em graças e belleza, correspondia pela sua docilidade e applicação a toda a affectuosa sollicitude que lhe dispensavam, imitando as virtudes de Anezia a quem ella mais particularmente amava. Quando aos domingos ia a missa com os seus protectores, era um gosto vêr-se a criança que mal começava a fallar, de joelhos ao lado de Anezia, com as mãos postas, imitando todos os movimentos da sua joven mestra, como se tambem orasse com fervor.

Não havia n'aquelle arredores quem a visse que não a amasse. Desde criança encarregou-se de tratar das aves da herdade, e os seus cuidados se estendiam até aos passarinhos, os quaes reconhecidos talvez ao zelo e sollicitude d'aquelle que todos os dias lhes distribuia o sustento, fazião os seus ninhos nas grandes arvores que circulavam a casa e a recreavam com os seus alegres trinados, sem receio algum que importunos os viesse perturbar no seu agradavel retiro.

Dir-se-hia que Deus comprazia-se em habitar n'aquelle tranquilla mansão de paz, que tantos eram os favores dispensados a essas simples e boas criaturas.

Cherubina levantava-se logo ao romper do dia, fazia invariavelmente as suas orações com Anezia, que então completara os seus 18 annos, em seguida tratava das aves e ia cuidar nas suas lições ás quaes consagrava tres horas durante o dia. A sua mestra, que era Anezia, sentia um legitimo orgulho, em dedicar-se com todo o seu zelo á educação d'uma discípula tão docil e attenta, cujos progressos satisfaziam cabalmente a todos os seus desvelos.

Depois das lições ambas ião auxiliar Eudoxia nos trabalhos domesticos, e com uma parda de meia idade por nome Marianna que fora ama de Anezia, fiavam e teciam os pannos grosseiros com que se vestiam em casa.

ANALIA FRANCO.

(Continua)

NOTAS UTEIS

A grande universidade de Nova-York com todos os seus es talecimentos e collecções annexas, foi instituida e sustentada por fundação particular.

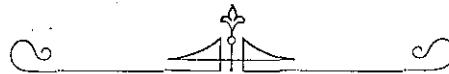
..... A universidade de Wellesley para o ensino superior do sexo feminino (comprehendendo a edificação, a bibliotheca e os museos) deve-se á instituição individual de um logista retirado do commercio, Henrique Durand.

Na Suissa ha hoje trinta e douis estabelecimentos, asylos agrícolas destinados a ministrar uma educação proveitosa ás crianças dos douis sexos orphãos, filhos de viuvas, crianças abandonadas e jovens mendigos. Esta educação é dada pelos cantões e sociedades beneficentes, gratuitamente ou mediante uma pensão muito modica o seu fim é formar bons trabalhadores á industria manufactureira, e principalmente á industria agrícola.

São estabelecimentos altamente beneficentes, moralisadores e pro-veitostos.

A Pestalozzi se deve a idéa da fundação d'estes estabelecimentos, depois seguidos por Falenbey e Wehriz e abraçada em 1835 por uma associação de philantropos do cantão de Berne que promoveram a fundação d'um grande numero de asylos, um dos quaes, o 14º. destinado ás crianças corrompidas.

A associação das Damas de Caridade é uma utilissima instituição fundada n esta capital em nome de S. Vicente de Paula, tendo por fim soccorrer os necessitados e amparar os orphãos desvalidos. Por falta de espaço só no proximo numero fallaremos sobre os resultados obtidos por esta caridosissima associação, que muito nobilita as suas distintas iniciadoras.



Esta Revista que se publica uma vez em cada
mez, será distribuida gratuitamente a todas as es-
colas publicas do sexo feminino deste Estado.

